

Aysha: uma criança extraordinária na Ocupação do Ouvidor

Aysha Gomes tem 7 anos e foi diagnosticada com um grau leve de autismo

Hysabella Conrado

Alexandra Gomes, 38 anos e Aysha Gomes, 7 anos.

O endereço é Rua do Ouvidor, número 63, Sé, região central de São Paulo. Terça-feira. Ali mesmo, na maior cidade da América Latina, no coração do centro velho, um edifício de 13 andares destoa do resto dos prédios de cores deslavadas. A Ocupação Cultural do Ouvidor transgride as convenções ao abrigar cerca de cem pessoas que, originárias dos mais variados lugares, vivem, resistem e reinventam suas existências e artes. No quarto piso deste lugar, existem Alexa e Aysha, mãe e filha que reinventam cotidianamente o espaço que não havia sido pensado para abrigar crianças.

Antes de conhecer as duas, fui convidada a fazer um tour pelo prédio. Arrisquei-me, então, à aventura de treze lances de escadas, já que os elevadores estão desativados. Quem me guiou foi uma moça argentina que, no dia, cumpria seu lugar no revezamento da portaria. Antes de subirmos, fui levada ao porão, a música que tocava ambiente era Negro Drama, do grupo Racionais Mc's. Ali ficam o teatro, a cozinha, um estúdio de tatuagem e um brechó, onde trabalha Alexa. O almoço estava sendo preparado.

Durante as subidas, indaguei se havia crianças, a resposta foi que sim, 9. Perguntei onde estavam, se eu podia vê-las, então fui informada que a filha da Alexa tinha sido a primeira criança da ocupação, que eu iria gostar de conhecê-las. Enquanto subíamos os andares, cada espaço tocava uma música diferente, mas os sons não eram apenas esses: as risadas, os sotaques, primeiras palavras de crianças, os latidos e miados se confundiam. Um

verdadeiro labirinto místico, obras de artes grafitadas e pintadas nas paredes. Frases e lambe-lambes que o tempo inteiro lembravam que ali não era espaço para quem não sabe respeitar diferenças.

Após a façanha dos 13 andares, de volta ao térreo fui apresentada à Alexa. Esguia, negra, de cabelos cacheados presos de maneira a emoldurar o rosto fino, a mulher segurava um prato com seu almoço, enquanto falava e arriscava algumas garfadas ali mesmo na portaria, em pé. Eu disse que queria conhecê-la e ela disse que sim, depois de comer. Aguardei. Quando chegou o momento, Alexa convidou-me de volta às escadas, queria conversar em sua casa, no quarto andar. Lá, algo parecido com Novos Baianos, tocava num notebook enquanto homens e mulheres se mexiam ali, desenhavam ou consertavam a fiação elétrica para a vistoria que o prédio receberá na próxima sexta-feira, dia 8.

Sentamos próximas à janela, num espaço que era um ateliê. Cavaletes, telas finalizadas ou ainda em processo de criação, dividiam espaço com um número sem fim de plantas e samambaias; bonecas sem cabeça ou sem corpo eram também decoração da estrutura viva que parecia ser aquele andar. Num sofá velho, enquanto acendia um cigarro, a voz rouca da mulher esguia confidenciou-me que se chama Alexandra Gomes e que tem 38 anos.

“Eu vim parar aqui em 2014, por causa da Copa do Mundo. Aysha tinha 2 anos, eu era mãe solteira e recebia um auxílio aluguel de 300 reais. A Copa estava cortando os benefícios de todo mundo, um deles foi o meu. Eu não tinha como pagar aluguel, então eu vim pra luta. A Aysha foi a primeira criança a chegar.”

Solitária na floresta de concreto e aço

“Não é fácil criar uma filha num lugar coletivo, né?! Porque por mais que o espaço e as coisas sejam coletivas, você e sua filha é só você, não é coletivo. Não é fácil, você tem que se impor para as pessoas respeitarem o espaço da criança.”

Numa das janelas do quarto andar, uma folha A4 branca colada horizontalmente passava o recado: “ATENÇÃO. Espaço com crianças! Respeito, joga a sua bituca no lixo!”.

Enquanto Alexandra contava sua história e de Aysha, sentia-me na presença de uma mulher feita na forja de um deus yorubá. A voz rouca, grave e, sobretudo firme, revelava alguém capaz de domar búfalos pelos chifres se necessário for para proteger sua filha.

“Chega muito viajante aqui e eu falo que tem que tomar cuidado com quem a gente traz. Às vezes eles falam que é xenofobia por querer filtrar os moradores, principalmente pra cima de mim, porque eu vou filtrar sim! Eu tenho uma filha de 7 anos e ela vai subir até a galeria e vai descer até a garagem e eu to aqui plantando para que minha filha tenha a segurança de que nada vai acontecer.”

Pergunto onde está Aysha, a mãe responde com uma expressão séria: “tá na escola, mas eu to procurando outra pra ela”.

De dentro pra fora: da escola

“Eu fui excluída da escola por causa do meu comportamento. Eu e a Aysha, a gente tem um pouquinho de autismo. Eu descobri isso depois que tive meu primeiro filho, ele não mora aqui. Ele tem um grau severo de autismo e o médico disse que ele herdou isso de mim. Depois me disseram que a Aysha tem isso voltado pro auto funcionamento, assim como eu também. Mas eu, nem a escola me quis, eu só estudei até a quinta série.”

O relógio já marcava 15h27. Ao fundo, percebi a canção mudar. Quem cantava agora era a mulher do fim do mundo, Elza Soares. Se coincidências existissem, naquele momento seria colossal. O que tocava era o último álbum lançado, “Deus é Mulher”, que, curiosamente, possui em uma de suas faixas a música “Exu Nas Escolas”. *“De dentro pra fora da escola é fácil aderir a uma ética e uma ótica presa em uma enciclopédia de ilusões bem selecionadas”*, é o que aponta a composição.

Do parquinho da Escola Paulo Machado de Carvalho, avista-se facilmente a fachada da Ocupação Cultural do Ouvidor, a casa de Aysha Gomes, aluna do segundo ano do ensino fundamental. Lá, entre os muros de cimento e cadeiras quadradas demais, a pequena de sete anos entende que transgredir e mudar é coisa de criança, sim.

“É muita reclamação da escola na questão de regras que eles colocam e eles não sabem explicar o porque. E às vezes eu pergunto pra escola ‘você precisa de ajuda? porque ela é uma criança’. Porque, por exemplo, se a professora diz para calar a boca, a minha filha diz ‘não, você não pode me mandar calar a boca, é silêncio, você não pode gritar’.”

Nos momentos em que pensa em Aysha no colégio, Alexa, com seus punhos de aço, segura contra o peito o seu escudo. “A minha filha é uma criança com uma capacidade de percepção muito grande, criar ela numa ocupação tá sendo difícil pra mim e pra ela também. Quando ela chegava no parquinho todas as crianças corriam e ela ficava sozinha, isso mexeu muito comigo”.

A mãe explicou que o grau de autismo dela e da filha é leve, aflora a sensibilidade para ruídos, luz, questionamentos sobre a existência e habilidades para as artes. “Ela me disse que não liga quando eles falam que ela mora num prédio abandonado, porque, ela me falou, ‘eles não sabem o que tem lá dentro, o prédio é artístico, eu gosto de lá’.”

“A escola liga pra mim no meio da tarde, ‘vem buscar porque ela tá em crise’. Eles suspendem ela por quinze dias, como se estivessem falando com um adulto drogado e problemático. E as reclamações de Aysha é que a escola é toda cimentada, não tem jardim, que é um espaço pequenininho”.

Consigo a permissão de esperar por Aysha, que volta pra casa sempre às 17h30. Desço, sento-me nos degraus da porta de entrada e espero, ansiosa, como se fosse apertar a mão de quem inventou a roda, de alguém extraordinário que vive em um mundo nem tão brilhante assim.

Onde vai, valente?

Aysha, se pudesse, cavalgava um raio ao invés de descer a rua a todo vapor em sua bicicleta. Avisto, deixada para trás, Alexa carregando a mochila da filha. Levanto-me para fazer os cumprimentos, porém minha presença mal é percebida pela pequena que já vai adentrando o edifício, sigo atrás.

“A moça que quer conversar com você tá aqui, filha”.

“Eu to com fome e não sei se quero falar, mãe” responde, baixo.

Apresso-me a dizer que espero o lanche ou o momento que for melhor, ela mal me olha. Sento-me num sofá, no porão, próximo à cozinha. Aysha vai, volta, cumprimenta alguns, troca conversa com outros e eu, espero. Pequena, de pele clara e cabelos cacheados, num tom de loiro escuro, a menina se equilibra nos calcanhares e se joga para a frente: as rodinhas traseiras dos tênis se movimentam, cansadas. Ela entra na cozinha e volta trazendo uma mexerica grande e alaranjada nas mãos.

“Vamos subir” fala, pela primeira vez direcionando sua atenção para mim. Eu, subo. Sigo a pequena e observo a destreza ao subir as escadas mal iluminadas. Eu, tropeço. Chegando ao quarto andar, sua casa, Aysha se senta numa espécie de pufe onde uma gata preta de manchas marrons está deitada, adormecida. “Pancadinha!”, cumprimenta a bichana, agarrando-a no colo numa sucessão de beijos.

Alexa, que havia nos deixado no porão, também chega ao andar. Ao lado da filha, senta para puxar assunto e me ajudar. Vou junto, Aysha fica no meio segurando a gata nos braços.

“A Pancadinha não gosta de cachorro, ela já deixou o Farofa sair daqui com o focinho sangrando. O farofa é um cachorro bagunceiro, só quer brincar de morder, faz coco em todos os lugares do prédio. Eu sou a mãe desse gato aqui, mas quero pegar mais um. Ó, a Pancadinha tá falando, gente...” a gata, de fato, começou a soltar alguns grunhidos, mas não miava. “Ela disse que tem medo de cachorro... Ó mãe, a Pancadinha não tá gostando de você pegando na pata dela. Olha, o gato é que quer ser entrevistado, tá pedindo pra te contar como ele sobrevive aqui no prédio”.

Aos poucos, Aysha decidiu que falaria comigo, mas apenas sobre o que ela quisesse. Durante os primeiros diálogos, falamos sobre animais e as aventuras da gata Pancadinha e o cachorro Farofa. A menina é do tipo que faz a cobra morder o rabo e escorpião virar pirilampo, o medo pouco a alcança, assim como na canção de Maria Bethânia.

Entre gomos de mexerica e beijos na gatinha, Aysha desabafa sobre a escola. “Eu já caí na escola, machuquei o nariz. Eu sei quem me empurrou, foi de propósito. Deveria ter me pedido desculpas né, mas não pediu não. A minha professora não é legal, ela grita. Carinhosa? Ân-ãn, não é. Vou te mostrar meus desenhos. Mãe! Minha mochila não tá aqui?”.

Alexia, que havia se afastado um pouco para que pudéssemos conversar, voltou para dizer que a mochila estava no porão e que buscaria. Aysha, que gosta de histórias de zumbis e Teletubbies do mal, ainda não sabe ler, mas desenha tudo e todos. “Olha aqui o Farofa”, aponta, virando as páginas do caderno trazido pela mãe.

“Minha mãe já te contou que ela faz boneca e também uns desenhos?”. Alexa, além de confeccionar bonecas, também customiza peças de roupa para serem vendidas no brechó. No ateliê, alguns quadros também são de sua autoria e mostram sempre mulheres negras reluzentes, de cabelos cheios e crespos, emoldurados por acessórios que brilham. “A minha mãe ela quase não me dá muito atenção, por causa do trabalho dela. Ela trabalha lá no brechó, no porão, onde você estava”.

Antes de conhecê-la pessoalmente, pensei que durante a conversa seria melhor evitar perguntas comuns demais. No entanto, ao ser atingida pela presença da pequena, imaginei que ali perguntas clichês pudessem me trazer respostas extraordinárias. Arrisquei-me, depois de ouvir sobre raposas e leões, indagar o que Aysha queria ser quando crescer.

“Veterinária. Mas acho que eu não vou precisar de um emprego desses”.

Eu quis saber o porquê.

“Eu posso trabalhar pra mim mesma, não quero trabalhar pra patrão. Bem, eu vou vender docinho de fada, que é um doce bem gostoso. É assim que eu vou trabalhar”.

Além de me falar um pouco sobre o idioma dos gatos, Aysha também me ensinou que, se a maioria das pessoas soubessem fazer docinho de fada, algumas revoluções pudessem ter sido reais.